

# Revista Transdisciplinar

Uma oportunidade para o Livre Pensar

Vol. 15 - Ano 8 - Nº 15 – 1º semestre/2020

ISSN 2317-8612

<http://revistatransdisciplinar.com.br/>

[www.artezen.org](http://www.artezen.org)

## 1– DO EROS AO ÁGAPE: AMOR SEXUAL E TRANSCENDÊNCIA EM ROLLO MAY<sup>1</sup>

FROM EROS TO AGAPE: SEXUAL LOVE AND TRANSCENDENCE IN ROLLO MAY

Hidemberg Alves da Frota\*

### RESUMO

O presente artigo científico se propõe a resgatar para a comunidade acadêmica de língua portuguesa a contribuição do teólogo, psicanalista e psicólogo Rollo Reece May (1909-1994) à Psicologia Existencial, quanto ao debate em torno da interface entre amor e sexo sob o ângulo da autorrealização do ser. Debruça-se sobre o entendimento de May de que o amor sexual maduro propicia o êxtase amoroso como ápice da criatividade humana e da união entre duas pessoas, em que as identidades de ambos se fundem e, após, cada identidade é fortalecida pelo efeito dessa fusão momentânea e se produz um efeito transformador nos parceiros, sob a óptica do desenvolvimento pessoal, por intermédio do exercício constante da doação e da entrega, do erotismo matizado com a empatia e a compaixão. Versa-se também sobre as críticas do renomado terapeuta existencial à mentalidade e tendência comportamental nos Estados Unidos do século XX de separar a vivência amorosa da experiência sexual, distanciar a prática sexual da vida íntima e separar as esferas da sexualidade e dos valores pessoais e morais. Ao mesmo tempo, estabelece-se o diálogo de May com outros expoentes do movimento humanista e existencial nas Ciências Psicológicas e com obras de destaque na literatura brasileira de temáticas espirituais, notadamente as que concernem à Psicologia Espírita de Joanna de Ângelis.

**Palavras-chave:** Rollo May; sexo amadurecido; êxtase amoroso, relacionamentos de transcendência; sexo impessoal e dessensibilizado; Psicologia Existencial; espiritualidade; Joanna de Ângelis.

### ABSTRACT

This article proposes to revive in the Portuguese-speaking academic community the contributions of the theologian, psychoanalyst and psychologist Rollo Reece May (1909-1994) to Existential Psychology, with respect to the debate revolving around the interface between love and sex from the standpoint of one's self-realization. It analyzes May's idea that mature sexual love leads to

<sup>1</sup> Artigo escrito em 2019, uma homenagem ao aniversário, no referido ano, de 110 anos de nascimento de Rollo May. Registro minha gratidão à minha ex-esposa, Fernanda Leite Bião, por haver semeado em mim o campo de abertura para o plural universo do humanismo, do existencialismo e da fenomenologia na seara das Psicologias e no plano da (con)vivência.

\* **Hidemberg Alves da Frota** – Agente Técnico-Jurídico do Ministério Público do Estado do Amazonas. Pós-Graduado (Especialista) em Direito Público: Direito Constitucional e Direito Administrativo pelo Centro Universitário de Ensino Superior do Amazonas (CIESA). Pós-Graduado (Especialista) em Direito Tributário pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas). Pós-Graduado (Especialista) em Psicologia Existencial, Humanista e Fenomenológica pela Faculdade Dom Alberto (FAD). [alvesdafrota@gmail.com](mailto:alvesdafrota@gmail.com)

romantic ecstasy as the apex of human creativity and the union between to people whereby the identities of both of these people merge and their individual identity is strengthened. This produces in them a transformational effect, from a personal development perspective, through constant giving and sharing, through eroticism imbued with empathy and with compassion. The article discusses also May's criticism of the mentality and tendency seen in the 20th-century United States towards the separation of love and sex, the division of sex and intimacy, and the schism between sexuality and personal and moral values. At the same time, a dialogue is established between May and other exponents of the humanist and existential movement in the Psychological Sciences, and with prominent works in the Brazilian literature of spiritual themes, especially those concerning Joanna de Ângelis Spiritist Psychology.

**Keywords:** Rollo May; matured sex; romantic ecstasy, relationships of transcendence; impersonal and desensitized sex, Existential Psychology; spirituality; Joanna de Ângelis.

## INTRODUÇÃO

Este artigo de revisão bibliográfica resgata para a comunidade de língua portuguesa e sistematiza as reflexões do teólogo, psicanalista e psicólogo estadunidense Rollo Reece May (1909-1994) em torno da interface entre amor e sexo, sob o ângulo da autorrealização do ser.

Mapeiam-se e se analisam em conjunto as obras do referido terapeuta existencial norte-americano, originalmente publicadas do final dos anos 1930 ao início da década de 1990, identificando-se pontos de convergência entre seus escritos, bem como os aspectos fundamentais e a evolução do seu pensamento no decurso dos anos de atividade clínica e produção intelectual.

Também se busca firmar pontes de diálogo de May com outros expoentes notáveis do caleidoscópico movimento humanista e existencial nas Ciências Psicológicas e, ao mesmo tempo, com obras de destaque na literatura brasileira de temáticas espirituais, notadamente as que concernem à Psicologia Espírita de Joanna de Ângelis.

### 1. BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO DA PSICOLOGIA EXISTENCIAL DE MATRIZ ESTADUNIDENSE

May é considerado, na literatura de língua inglesa especializada em temáticas psicológicas, o fundador da escola americana da Psicologia Existencial, tal qual Carl Ransom Rogers (1902-1987) é tido como o patrono da Psicologia Humanista e do movimento humanista em Psicologia (SHAPIRO, 2016, p. 31).

O ramo norte-americano da Psicologia Existencial, de abordagem existencial-humanista, nos quais se destacam, após a geração pioneira de May, James Frederick Thomas Bugental (1915-2008), Irvin David Yalom (1931-) e Kirk J. Schneider (1956-) – os três tiveram a sua formação influenciada por May, não apenas pela sua produção intelectual como também pela convivência e vínculo de amizade –, centra o seu foco na ansiedade diante da moralidade, da liberdade, da responsabilidade, do isolamento e da ausência de sentido (BUGENTAL, 1995, p. 102-105; DEURZEN; ADAMS, 2016, p. 16-20; SCHNEIDER, 1995, p. xvii-xix; SERLIN, 1994, p. 268-274; SHAPIRO, 2016, p. 27, 30-36; TEIXEIRA, 2006, p. 300).

A Psicologia Existencial de matriz norte-americana não se confunde com a Psicologia Fenomenológico-Existencial, de raiz europeia, a qual, embora também se proponha a dialogar com o pensamento filosófico de Martin Heidegger (1889-1976), Søren Aabye Kierkegaard (1813-1855) e Jean-Paul Charles Aymard Sartre (1905-1980), distingue-se, em essência, daquela e das demais abordagens de cunho existencial e/ou humanista, (1) por se desvincular “de qualquer pretensão de manter a ideia de uma interioridade e de potencialidade”, (2) dissociada “das pressuposições de uma subjetividade determinada espaço-temporalmente e, portanto, substancializada”, (3) desatrelada da “noção encapsulada do eu, dado o seu caráter de indeterminação, que faz com que possa assumir diversas possibilidades de ser disponíveis no mundo”, e (4) a “caracterizar a existência como desespero, angústia e liberdade”, tendo-se

em conta (5) “o sentido fático e lançado em que a existência sempre se encontra” (FEIJOO; MATTAR, 2016, p. 270, 272).

Na Psicologia Fenomenológico-Existencial, de largo desenvolvimento na Europa continental, despontam Ludwig Binswanger (1881-1966), Eugène Minkowski (1885-1972), Medard Boss (1903-1990) e Viktor Emil Klemens Franz Freiherr von Gebattel (1883-1976) (DEURZEN; ADAMS, 2016, p. 16-20; FEIJOO; MATTAR, 2016, p. 270; SHAPIRO, 2016, p. 27).

Em que pese a distinção contemporânea entre a feição americana da Psicologia Existencial e a Psicologia Fenomenológico-Existencial, May, Ernest Angel e Henri F. Ellenberger dedicaram a antologia *Existence: A New Dimension in Psychiatry and Psychology*, de 1958, a Minkowski e Binswanger, que participaram de tal obra colegiada com ensaios traduzidos para a língua inglesa, a qual representa divisor de águas na literatura anglófona de Psicologia, pelo pioneirismo de demarcar constructos teóricos que distinguem a psicoterapia existencial do paradigma psicanalítico (DEURZEN; ADAMS, 2016, p. 17; SHAPIRO, 2016, p. 32).

Na obra póstuma, *The Psychology of Existence: An Integrative, Clinical Perspective*, publicada em 1995, May, juntamente com Schneider (continuou a organização da obra colegiada após May adoecer, no inverno de 1992), almejando romper a polarização entre o Humanismo Existencialista e a Psicanálise Existencial, propõem a Psicologia Existencial Integrativa como uma confluência de disciplinas artísticas, filosóficas e clínicas que empregam o método fenomenológico para compreender a existência humana (SCHNEIDER, 1995, p. 1-8).

Na atualidade, a Psicologia Existencial norte-americana é mais conhecida, nos Estados Unidos, como Psicologia Existencial-Humanista, por influência do pensamento de Bugental, ao mesmo tempo que Schneider continua a se sobressair na divulgação, atuação profissional e produção intelectual na vertente da Psicologia Existencial Integrativa (HOFFMAN; SERLIN; RUBIN, 2019, p. 235, 243).

Sobre os ciclos pelos quais atravessou a escola americana da Psicologia Existencial, os atuais desdobramentos da Psicologia Existencial Integrativa e o estado contemporâneo do movimento existencial-

humanista de forma geral, confira-se o ensaio *The History of Existential – Humanistic and Existential – Integrative Therapy*, escrito por Hoffman, Serlin e Rubin, que corresponde ao Capítulo 13 da obra colegiada *The Wiley World Handbook of Existential Therapy*, publicada nos EUA no final do 1.º semestre de 2019 (HOFFMAN; SERLIN; RUBIN, 2019, p. 235).

## 2. AS DIMENSÕES FISIOLÓGICA E TRANSCENDENTAL DO ATO SEXUAL

Em “Liberdade e Destino”, obra publicada originalmente em 1981, sob o título *Freedom and Destiny*, May dedica o oitavo capítulo à indagação: “Sexo sem intimidade é liberdade?” (MAY, 1987, p. 185).

May destaca que, do ponto fisiológico, o ato sexual em que dois corpos se fundem consiste no mais íntimo de todos os relacionamentos humanos, uma vez que essa expressão da sexualidade significa unir as partes físicas mais sensíveis de cada pessoa em um nível de intimidade superior ao que se experimenta com qualquer outra parte do corpo humano, de tal maneira que o sexo consubstancia, nesse contexto, o caminho supremo por meio do qual o ser humano se torna parte de outrem, a ponto de o(a) parceiro(a) sentir a pulsação do coração da outra pessoa como se estivesse sentindo o pulsar do seu próprio coração (MAY, 1987, p. 189).

Essa dimensão fisiológica se conjuga com a dimensão transcendental, invocada por May, quase trinta anos antes de publicar “Liberdade e Destino”, isto é, em 1953, na obra “O Homem à Procura de Si Mesmo” (*Man’s Search for Himself*), em que acentuara o potencial de a experiência sexual deflagrar *êxtase amoroso* que, tão intenso quanto o *êxtase criativo*, proporcionaria o ápice da realização do *Self* nas circunstâncias em que o casal transcenderia, temporariamente, a barreira entre as suas identidades, dando-se e se encontrando no mesmo instante (MAY, 2011, p. 225-226).

## 3. ÊXTASE NO AMOR SEXUAL E TRANSCENDÊNCIA

Essas descrições do *êxtase* no amor sexual são coerentes com a definição geral de *êxtase* dada por May em “A Coragem de Criar” (*The Courage to Create*, obra originalmente publicada em 1975), ao defini-

lo como “o estado no qual a dicotomia entre a experiência subjetiva e a realidade objetiva é superada” (MAY, 1982, p. 93).

Dez anos depois de “A Coragem de Criar”, em 1985, em “Minha Busca da Beleza” (*My Quest for Beauty*), May afirmaria que o êxtase é *autotranscendente*, porque “dá à pessoa a experiência de ir além, ou de absorver o eu velho, e um eu novo, ou, mais exatamente, um eu ampliado toma o lugar do eu velho” (MAY, 1992, p. 203).

Ainda em “A Coragem de Criar”, May considera o ato sexual como um processo importante de *conhecimento recíproco*, em que duas pessoas, durante o intercurso sexual, encontram-se uma com a outra para depois se afastarem parcialmente e, em seguida, encontrarem-se mais uma vez, “experimentando todos os aspectos do conhecimento e do não conhecimento, para de novo se conhecerem”, isto é, o “homem se une à mulher e a mulher ao homem, e o afastamento parcial se efetua através da experiência de satisfação mútua”, em uma “experiência repetida de encontro e reencontro”, que constitui “a intimidade suprema de dois seres no encontro mais rico e mais completo” e “a mais alta forma de criatividade, no sentido de que pode gerar um novo ser” (MAY, 1982, p. 87-88).

Dezesseis anos antes, em 1969, em “Amor e Vontade: Eros e Repressão” (*Love and Will*), May se antecipava ao que escreveria nos anos 1970 e 1980, ao então já divisar o êxtase amoroso como uma conexão arrebatadora não apenas entre os parceiros, mas também entre o casal e a natureza em um sentido *cósmico*, em que se vivencia uma *consciência expandida* para além do eu (a consciência de si próprio cede passo a uma consciência maior), ou seja, no clímax da conjunção sexual, se fruto de um ato amoroso, a sensação de isolamento e separação pode desaparecer, em um breve intervalo de tempo, “apagada por um sentimento de *união cósmica* com a natureza”, como “parte normal da momentânea perda da consciência de si mesmo e do aparecimento de um súbito consciente, que inclui a terra” (MAY, 1992, p. 351, grifos nossos).

Nesse aspecto, May se aproxima de Frankl, no ensaio do ano de 1984 intitulado *Logotherapy in a Nutshell* (traduzido no Brasil como “Conceitos Fundamentais da Logoterapia”), para quem “o sexo é um meio de expressar a experiência daquela união

*última* chamada de amor” (FRANKL, 2014, p. 136, grifo nosso).

Na literatura espírita, atribui-se ao espírito André Luiz, em psicografia ditada aos médiuns mineiros, Francisco Cândido Xavier e Waldo Vieira, a compreensão de que, no atual estágio de evolução da humanidade, o relacionamento afetivo-sexual monogâmico entre pessoas afins constitui o meio pelo qual o instinto sexual alcança a “alegria *completa*”, a ocasionar a “compensação de força igual, na escala das vibrações magnéticas” (ANDRÉ LUIZ, 2015, p. 146, grifo nosso).

Ressalta-se que o relacionamento afetivo sexual monogâmico baseado em laços de afinidade consiste no ambiente em que se realiza “a *união ideal* do raciocínio e do sentimento”, por meio da “*perfeita associação* dos recursos ativos e passivos”, ante a “constituição do binário de forças”, por intermédio das quais vêm à tona “não apenas formas físicas para a encarnação de outras almas na Terra”, como também “as grandes obras do coração e da inteligência” (ANDRÉ LUIZ, 2015, p. 146, grifos nossos).

#### 4. IDENTIDADE PESSOAL E RELACIONAMENTOS DE TRANSCENDÊNCIA

Paradoxalmente, esse mesmo ato amoroso e sexual que suplanta, em um átimo, o sentido de identidade individual pode, no longo prazo, “proporcionar um caminho sólido e significativo ao sentimento de *identidade pessoal*”, exemplificado pela renovada vitalidade oriunda do ato sexual amoroso, quando do enlace sexual surge “um novo campo de força magnética, um novo ser”, em referência não só à descendência biológica do casal, como também ao “nascimento de um outro aspecto da *própria* pessoa” (MAY, 1992, p. 348-349, grifos nossos).

Tais reflexões de May igualmente recordam o que seria posteriormente pontuado no livro-texto intitulado *Existential Counselling & Psychotherapy in Practice*, escrito por Emmy van Deurzen (primeira edição de 1988, atualmente na terceira edição, de 2012), pioneira na difusão da Psicologia Existencial no Reino Unido (DEURZEN; ADAMS, 2016, p. 19), considerada, na atualidade, uma expoente da escola britânica da terapia existencial (SHAPIRO, 2016, p. 27; TEIXEIRA, 2006, p. 301).

Deurzen enxerga nessa espécie de vivência sexual, cujo cume é o êxtase sexual, em que desponta “um sentimento puro de pertencimento a um mundo absoluto e superior”, uma manifestação da dimensão espiritual, imanente aos denominados *relacionamentos de transcendência*, nos quais o grau de união e de entrega entre o casal faz com que suas individualidades se fundam em prol do surgimento de um ente maior que o mero somatório de suas individualidades, ultrapassando-se a esfera da realidade concreta humana (DEURZEN, 2012, p. 213, tradução livre nossa).

Segundo a referida autora, também caracterizam relacionamentos afetivo-sexuais de transcendência aqueles assinalados pelo elevado engajamento entre os parceiros, nos quais se encontra consolidado o *senso de pertencimento* entre o casal e cada um deles se sente uma pessoa em dois corpos, sem que um escravize o outro, muitas vezes motivados e unidos por um projeto existencial comum, altamente acalentado por ambos, em prol do qual cada um estaria disposto a cessar sua existência, se assim fosse necessário, a exemplo da procriação e da criação da prole (DEURZEN, 2012, p. 213).

Nesse passo, volvendo-se ao pensamento de May, para que a relação entre o casal ocorra em um relacionamento entre pessoas, e não entre pessoa e objeto, não se escravizar nem escravizar o outro importa acolher a si próprio e a outrem tal *como são*, sem que nenhum tenha de se remodelar para que seja aceito pelo outro:

Se eu insisto para que outra pessoa ajuste-se a mim próprio, não a estarei tomando como pessoa, como *Dasein*<sup>1</sup>, mas como próprio instrumento; e, mesmo que eu me ajuste a mim próprio, estarei usando a mim mesmo como objeto. O indivíduo não pode jamais falar com exatidão de seres humanos como “objetos sexuais”. No momento em que a pessoa é um objeto sexual, você não estará mais falando de uma pessoa<sup>2</sup>. (MAY, 1988, p. 141).

<sup>1</sup> May vê o *Dasein* como “o ser que consegue ser consciente e, portanto, responsável por sua própria existência”, ou seja, “a pessoa-que-é-responsável-por-sua-própria-escolha-existencial” (MAY, 1988, p. 105).

<sup>2</sup> Ponderação que, contida em “A Descoberta do Ser” (*The Discovery of Being*), de 1983, reitera posicionamento antes explicitado na obra colegiada *Existence: A New Dimension in Psychiatry and Psychology*, de 1958, traduzida para o idioma castelhano em 1967 e ainda inédita em língua portuguesa (MAY, 1977, p. 88).

Com perspectiva similar, na Psicologia Espírita de Joanna de Ângelis (conjunto de obras cuja autoria se atribui ao espírito de Ângelis, psicografadas pelo médium baiano Divaldo Pereira Franco), reflexiona-se que a presença do sentimento amoroso constrói conexões “de afinidade e de interesses” que aproximam o casal e atenuam o peso das “diferenças de opinião e de comportamento”, as quais não são impeditivas da convivência entre ambos, se “respeitados os direitos de continuar a viver conforme melhor aprouver, sem agredir a quem comparte a convivência” (ÂNGELIS, 2014c, p. 147).

De acordo com essa linha de raciocínio, a diversidade de opinião e comportamento entre parceiros não inviabiliza o relacionamento afetivo-sexual, desde que ambos se abstenham (a) de cultivar a “paixão de impor a sua forma de pensar e de agir sobre o outro”, (b) de abandonar as próprias raízes apenas para um “agradar o outro”, ou, ainda, (c) de pretender “ser agradado sem o interesse de brindar o equivalente ao que recebe” (ÂNGELIS, 2014c, p. 147).

Nos primórdios da sua produção intelectual, em 1940, em sua segunda obra, denominada *The Springs of Creative Living: A Study of Human Nature and God*, inédita em língua portuguesa, período em que o seu discurso de psicoterapeuta estava impregnado da vivência do pastor protestante<sup>3</sup> que realizava o aconselhamento religioso, May já vislumbrava o amor entre o casal como o encontro e o acolhimento recíprocos e integrais, nos níveis físico, intelectual e espiritual da existência, em que o ato de olhar o(a) seu(sua) parceiro(a) como *pessoa independente* que aspira à busca da felicidade e da plenitude guarda a mesma importância que o amparo e a consolação que recebe da pessoa amada (MAY, 1940, p. 68).

À época, May já intuía que o amor em um relacionamento afetivo-sexual não é uma compensação pelo sentimento de inferioridade nem um meio de criar dependência neurótica, porém se relaciona à atração despertada em uma pessoa pelos traços de força (e não de fraqueza) do(a) outro(a), sem dar muita relevância às (im)perfeições do(a) parceiro(a) (MAY, 1940, p. 68).

Nos anos subseqüentes, em seu dia a dia na clínica psicoterapêutica, May observaria

<sup>3</sup> Foi sacerdote protestante durante três anos (MAY, 1989, p. 245).

que, no tocante ao valor da experiência sexual, quanto mais madura e diferenciada é a pessoa, menos peso ela dá à mera gratificação física propriamente dita e mais importância atribui a fatores outros, tais quais a qualidade do relacionamento entre ambos, a delicadeza com que é tratada pelo(a) parceiro(a), o prestígio que entende desfrutar da outra pessoa e a compreensão que o(a) parceiro(a) possui dela (MAY, 2009, p. 105).

## 5. SEXO IMPESSOAL E SEM INTIMIDADE: A PERDA DA CAPACIDADE DE SENTIR

Apesar de conferir ao intercuro sexual um papel singular e diferenciado para se promover a integração entre o casal em camadas mais profundas, May, na mencionada obra “Liberdade e Destino” (originalmente publicada em 1981), constata a propensão, na sociedade da segunda metade do século XX, ao sexo desprovido de intimidade, o que atribui à *perda*, nos homens e nas mulheres, da *capacidade de sentir*, devido à ascensão de uma mentalidade que dissocia a vivência sexual dos valores morais e pessoais e estimula o *não sentir*, como se fosse uma virtude a ser exercida em benefício da autonomia e autonomização de cada um e da construção de uma suposta verdadeira liberdade (MAY, 1987, p. 191, 194-197).

Consoante infere May, a ânsia de que o desempenho sexual venha à baila sem envolvimento nem compromisso entre os parceiros, torna o ato sexual cada vez mais impessoal e premia a sensação *destituída* de sensibilidade e o intercuro sexual *desprovido* de intimidade, como se a negação de um sentimento constituísse um objetivo preferencial, reforçando, por conseguinte, uma espécie de *ansiedade destrutiva* (MAY, 2009, p. 67).

Entre os sintomas dessa tendência comportamental de prática sexual impessoal e dessensibilizada, notada em seus (suas) terapeutizandos(as) desde a década de 1950, elenca (MAY, 1987, p. 189-197):

(a) a ineficácia da expansão dos programas e projetos de educação sexual em inibir o crescimento dos índices de aborto, doenças venéreas e gravidez na adolescência;

(b) o esmaecimento do erotismo genuíno, em prol da presença cada vez mais marcante da pornografia, da promiscuidade e do sexo como um fim em si mesmo;

(c) a ênfase nas sensações em detrimento das emoções, a intimidade trocada pela superficialidade, a resistência à tomada de consciência das próprias sensibilidades e à construção de laços de afetividade e o receio de se sentir vulnerável e de experimentar frustrações amorosas;

(d) o incentivo a uma espécie de automatismo narcisístico, em que homens e mulheres deixam de ser amantes para se tornarem máquinas sexuais, que priorizam o estímulo sexual de si mesmas, em prejuízo de uma verdadeira partilha, dessensibilizados para as necessidades e os desejos do parceiro ou da parceira.

Para que se contextualize a remissão de Rollo May ao arquétipo narcisístico, quando se debruça sobre a perda da capacidade de sentir, na esfera dos relacionamentos afetivo-sexuais, é importante compreender qual o entendimento de May acerca da pessoa narcisística.

Ao discorrer sobre o narcisismo na sua derradeira obra solo, “A Procura do Mito” (*The Cry for Myth*, originalmente publicada em 1991), May o caracteriza como a neurose dos EUA do século XX, afirma que a “personalidade narcísica pode ser considerada nos Estados Unidos como um desenvolvimento do individualismo americano” e declara que o “paciente narcísico em terapia é a representação moderna do mito do individualismo solitário”, porquanto “tem pouco ou nenhum relacionamento profundo e não consegue obter satisfação ou prazer em seus contatos” (MAY, 1992, p. 90, 92).

Segundo May, as pessoas narcisistas não conseguem (1) “tomar decisões pessoais” por si mesmas, (2) “têm muitos conhecidos, mas nenhum amigo próximo”, (3) mostram-se “sexualmente liberadas mas não experimentam nenhuma paixão”, (4) mesmo se cultas, “desistem da maioria de seus interesses intelectuais quando se formam na faculdade”, (5) muitas vezes hábeis no mercado financeiro, “cedo ou tarde este lhes parece sem sentido”, (6) ainda que, em regra, tenham “salários muito bons – algumas vezes na casa dos milhões – [...] isso lhes dá pouca satisfação”, (7) afiguram-se “pessoas modernas, sofisticadas e vêm em número cada vez maior para a psicanálise, mas a terapia é difícil e lenta”, (8) “são extremamente solitárias” e (9), aparentemente, “a única emoção que elas sentem é uma depressão suave mas

penetrante e uma sensação de ter se perdido nas alegrias da vida, mesmo se, paradoxalmente, tiveram tudo” (MAY, 1992, p. 92).

Nos Estados Unidos ainda da primeira metade da década de 1950, May, na aludida obra “O Homem à Procura de Si Mesmo” (*Man’s Search for Himself*), percebia que a maioria dos conflitos sexuais dos(as) terapeutizados(as) já não dizia respeito aos “tabus sociais relativos à atividade sexual” nem aos “sentimentos de culpa referentes ao sexo em si mesmo”, e sim à circunstância de que o ato sexual “para tanta gente é uma experiência *mecânica* e *vazia*” (MAY, 2011, p. 15, grifos nossos).

Com efeito, em artigo científico publicado em 1956, no *Pastoral Psychology*, May sublinhou que, embora muitas pessoas sofisticadas conhecessem à época todas as regras atinentes ao corpo, a métodos sexuais e ao controle de natalidade e a despeito de se sentirem ofendidas se fossem acusadas de reprimirem seus instintos, esses mesmos indivíduos se defrontariam, por vezes, com a sua própria incapacidade de sentir, de maneira que a sua atividade sexual, com frequência, era vazia e mecânica, vivendo *alienados* dos seus próprios corpos (MAY, 1956, p. 12).

Para que houvesse saúde mental em tais contextos, seria imperioso recuperar o *sentido de unidade* com o próprio corpo, para que o ato sexual se tornasse a forma mais interpessoal de doar e de receber (MAY, 1956, p. 13).

Posteriormente, em “A Psicologia e o Dilema Humano” (*Psychology and the Human Dilemma*, obra originalmente publicada em 1967), May realçaria que o posicionamento, presente em profissionais da Psicologia e da Psiquiatria, em prol da chamada “liberdade total” e de que “valores não importam”, ou seja, a suposição de que, para ser saudável, é necessário ser sexualmente permissivo (denomina-a de “doutrina da promiscuidade sexual”), estava sendo um fator a mais de insegurança, ansiedade e solidão em todos os campos da sexualidade humana e fortalecia, no extremo oposto, inclusive nas áreas da Psiquiatria e Psicologia, novas expressões de puritanismo, moralismo e tentativas de controle social do comportamento, da mente e da personalidade (MAY, 2009, p. 222-226).

Em sentido semelhante, no tocante à

vivência sexual na atualidade, destaca-se, na Psicologia Espírita de Joanna de Ângelis, que “a sua satisfação aligeirada continua *destituída* de significado profundo, que permita o equilíbrio das emoções e a segurança afetiva” (ÂNGELIS, 2014b, p. 168, grifo nosso).

Constata-se que a “troca insensata de parceiros, na busca da variedade, em vez de satisfazer, *mais frustra*”, uma vez que o intercurso sexual, em vez de “expressar os sentimentos e trabalhar a ansiedade”, converteu-se em uma manifestação dos modismos da sociedade contemporânea (ÂNGELIS, 2014b, p. 168, grifos nossos), a revigorar expressões mais grosseiras da experiência sexual, “a preço de insanidade mental e de total relaxamento dos valores ético-morais” (ÂNGELIS, 2018, p. 42).

Entende-se que a “desenfreada busca do gozo” deságua em “fogo-fátuo de rapidíssima duração” cujos resquícios são “ressaios de amargura e de insatisfação que induzem a novas e ininterruptas ansiedades” (ÂNGELIS, 2018, p. 42).

Assinala-se que a ânsia exacerbada pelo prazer sexual e diversidade de parceiros sexuais faz com que as pessoas transitem “de um *estado de estresse* para outro, sem que haja harmonia interior nas buscas efetuadas”, em uma tessitura em que as “pessoas que compartilhem desses momentos são descartáveis, grátis ou remuneradas, bem ou mal situadas no contexto social, objeto de uso *sem nenhum sentido psicológico realizador*” (ÂNGELIS, 2014b, p. 168, grifos nossos).

## 6. DO EROS AO ÁGAPE: O AMOR SEXUAL AMADURECIDO

De acordo com May, promiscuidade sexual não é liberdade autêntica.

Na sua visão, o caminho da liberdade autêntica, a verdadeira condição de ser livre, implica reconhecer as limitações de si mesmo, entre as quais a *impossibilidade* de o indivíduo desenvolver a contento sua afetividade e sexualidade sem se sensibilizar para as necessidades e os desejos da outra pessoa e, ao mesmo tempo, ter de aceitar o risco de que, a despeito da sua entrega e abertura em direção ao outro, possa mais adiante sofrer uma frustração amorosa (MAY, 1987, p. 196-197).

Na Psicologia Espírita de Joanna de

Ângelis, conquanto se reconheça que os relacionamentos conjugais e demais compromissos emocionais com parceiro(a) afetivo(a) vêm acompanhados da chance de não se coroarem da satisfação esperada, obtempera-se que esse risco, ínsito aos empreendimentos humanos, constitui desafio ao crescimento interior de cada um, “sem o qual nenhuma tentativa é realizada para o desenvolvimento intelecto-moral do ser”, e que, quando não alcançam os resultados acalentados, servem de “valiosa lição da aprendizagem para futuros e melhores tentames de felicidade” (ÂNGELIS, 2014c, p. 146).

Assim, até o amor não correspondido teria o efeito positivo de servir de ensejo para o exercício do perdão e da compaixão por outrem (ÂNGELIS, 2015, p. 27).

Ante o cenário social da atualidade, em que muitas pessoas preferem se valer de “uma atitude de distância”, por temerem “relacionamentos mais sérios”, já que “não desejam ser magoadas, acreditando que não lograrão a compreensão nem o apoio de que necessitam”, alerta-se, na Série Psicológica de Joanna de Ângelis, para a importância do crescimento psicológico mediante “o enfrentamento de problemas”, inclusive “o atrito das emoções”, em particular na seara da afetividade, “campo novo para o ser, quando treina mais fortes e valiosas expressões de amor” (ÂNGELIS, 2014c, p. 139).

O ato de doar traz consigo, de antemão, a possibilidade de que o que se tem para doar não seja aquilo que se quer receber e, mesmo que se doe pensando nas necessidades e nos desejos do outro, permanecerá a possibilidade de não ser acolhido nessa manifestação de afeto.

Contudo, deixando-se de agir, devido ao medo de se frustrar, não se constroem os vínculos de afeto por meio do quais surgem a intimidade, o compartilhar cotidiano e um projeto existencial comum, como fatores de autorrealização do casal.

Na Psicologia Espírita de Joanna de Ângelis, assere-se que o medo e o amor “*não* convivem no mesmo espaço emocional” (ÂNGELIS, 2014b, p. 59, grifo nosso).

Remarca-se que o “terrível medo de amar, em face da possibilidade de sofrer-se a indiferença ou o desprezo da pessoa anelada ou mesmo do ideal elegido” redunda em “tremenda angústia pelo *não experimentado*,

pelo que ficará para sempre como *desconhecido*, que deveria ter sido vivenciado” (ÂNGELIS, 2014b, p. 56, grifos nossos).

De forma categórica, conclui-se: “Pior do que amar e não receber resposta idêntica é o prejuízo de *nunca haver amado*.” (ÂNGELIS, 2014b, p. 56, grifos nossos).

Posto de outro modo: “Melhor que se haja vivido uma experiência cujos resultados não foram os mais agradáveis do que permanecer-se na *incerteza* de como seria tal realização.” (ÂNGELIS, 2014b, p. 56, grifo nosso).

O acolher das necessidades e dos desejos de outrem, em uma relação afetivo-sexual, quer dizer dar-se vazão a um *amor sexual amadurecido*, em que o impulso sexual direcionado ao outro (o *eros*) se matiza com o exercício da *empatia*, que reconhece o valor e a dignidade daquela pessoa e fomenta o desabrochar das suas *potencialidades* (MAY, 2011, p. 220, 222).

*Potencialidade* concerne ao movimento de transformar a si mesmo naquilo que realmente se é (MAY, 1988, p. 105-106).

“Ser”, na perspectiva de May, espelha “o *padrão singular* das potencialidades da pessoa”, isto é, “um *padrão único* dessa pessoa em particular”, ainda que “*parcialmente* compartilhadas com outros indivíduos” (MAY, 1976, p. 21, grifos originais suprimidos, grifos nossos acrescentados).

May enxerga no ser humano um *conjunto de potencialidades* que, dirigidas pelos desejos “daimônicos” (os quais, segundo frisou em 1982, não consistem em intenções “demoníacas”, mas em aspirações ligadas à afirmação de si mesmo, à assertividade, ao ânimo de se perpetuar e de se expandir<sup>4</sup>), podem ser a fonte de impulsos *construtivos* ou *destrutivos* (MAY, 1982, p. 11).

<sup>4</sup> Conquanto, na tradução brasileira, de 1973, feita por Aurea Brito Weissenberg, de “Amor e Vontade” (*Love and Will*), de 1969, afirme-se que *demoníaco* consiste no “impulso de todo o ser para afirmar-se, fazer-se valer, perpetuar-se e ampliar-se” (MAY, 1992, p. 137), Rollo May, em carta aberta a Carl Rogers, publicada na edição do verão de 1982 do *Journal of Humanistic Psychology*, acentuou que, no contexto daquela obra, para descrever esse conceito, não empregara o termo “demoníaco” (*demonic*), e sim *daimonic* (daimônico) (MAY, 1982, p. 11). De fato, em nota de rodapé posta no início do Capítulo 5 de “Amor e Vontade”, May enfatiza haver optado pela palavra *daimonic*, proveniente “do antigo grego *daimon*, em detrimento do termo popular “diabólico”, por entender que *daimon* “é a origem do conceito e que o vocábulo não é ambíguo, incluindo tanto o positivo como o negativo, o divino e o diabólico”, conforme consta da própria tradução de Weissenberg (MAY, 1993, p. 137).

O desejo “daimônico” assume cariz *construtivo*, quando, integrado na personalidade, resulta na *criatividade*. Todavia, se não integrado ao todo da personalidade, o desejo “daimônico” desborda para a ira violenta, a paranoia coletiva em tempos de guerra, o sexo compulsivo ou o comportamento opressivo, redundando em atividades *destrutivas* (MAY, 1982, p. 11).

Identificar as *potencialidades* do outro é um dos aspectos fulcrais do relacionamento interpessoal na óptica de May, segundo o qual apenas “é possível compreender um outro ser humano quando vemos a direção que toma, no que ele está se transformando” e, por outro lado, “somente podemos conhecer a nós mesmos” ao projetarmos em ação a nossa *potentia*, já que “o ponto crítico é o que estou buscando, o que serei no futuro imediato” (MAY, 1988, p. 106).

*Empatia*, na visão de May, exposta em “A Arte do Aconselhamento Psicológico” (*The Art of Counseling*, obra revisada, de maneira substancial, em 1989, originalmente publicada em 1939), consiste em “o sentir ou o pensar de uma personalidade dentro da outra, até ser alcançado um certo estado de identificação”, por intermédio do qual “um verdadeiro entendimento entre as pessoas pode ocorrer” e sem a qual “não é possível qualquer entendimento” (MAY, 2013, p. 67).

Esse sentir ou pensar como se uma personalidade estivesse momentaneamente inserida em outra, a que se reporta May, mostra certa sintonia com o pensamento atribuído, na literatura espírita, ao espírito Hammed, em psicografia ditada ao médium paulista Francisco do Espírito Santo Neto, na medida em que o autor espiritual inclui entre as maneiras de se vivenciar a *empatia* o fenômeno da *ressonância*, quando “sentimos o que ele [a outra pessoa] sentiria caso estivéssemos vivenciando a sua situação” (HAMMED, 2018, p. 114).

May parte da premissa de que, por meio dos relacionamentos interpessoais, inclusive entre o(a) terapeuta e o(a) terapeutizando(a), o ser humano contempla a sua necessidade de *sair da centralidade em si mesmo* “para participar em outros seres” e assinala que a experiência do encontro com o outro, quando genuíno, muda ambas as pessoas, ainda que de modo ligeiro, realizando-se, em tais situações, o potencial criativo de o encontro entre pessoas *dilatar a consciência e*

*enriquecer o eu de ambas*, motivo por que se deve arriscar, ou seja, convém assumir o risco diante do desconhecido, ante a possibilidade de que sejam fenômenos enriquecedores (gratificantes) tanto o novo relacionamento interpessoal, quanto o novo momento de determinado relacionamento interpessoal preexistente (MAY, 2009, p. 131, 165).

Na seara dos relacionamentos afetivo-sexuais, ao maturar, o *eros* adquire “um significado mais profundo e duradouro”, transmutando-se “em ternura permanente, em consideração duradoura pelo próximo”, e exprime, dessa maneira, o *ágape*, é dizer, “a forma do amor destituído de interesses com respeito ao bem-estar do próximo” (MAY, 1988, p. 21), conforme reflexionou em “A Descoberta do Ser” (*The Discovery of Being*, obra publicada originalmente em 1983).

Esse conceito de *ágape* corresponde, na Psicologia Espírita de Joanna de Ângelis, a exprimir-se o “amor ao próximo, mediante o qual a vida adquire sentido e o relacionamento se vitaliza”: alicerçando-se “no interesse pelo bem-estar do outro, irradia-se bondade e ternura em seu benefício, *sem* o propósito negociista de receber-se compensação” (ÂNGELIS, 2014b, p. 59, grifo nosso).

Assevera-se que o matrimônio não é mantido pelo prazer sexual, porquanto “sempre fugidio, mesmo quando inspirado pelo amor”, e sim pela amizade, a qual “responde pelo intercâmbio emocional” promovido “por intermédio do diálogo, do interesse nas realizações do outro”, bem assim “na convivência compensadora, na alegria de sentir-se útil e estimado” (ÂNGELIS, 2014a, p. 31).

E, mais uma vez, nota-se uma afinidade entre os pensamentos de May e Frankl, haja vista que o psiquiatra austríaco e proponente da Logoterapia postula que, pela vivência do amor, o indivíduo passa a enxergar na pessoa amada não apenas os traços característicos e as feições essenciais dela, como também o que está contido nela *em potência* (“aquilo que não está, mas deveria ser realizado”) e, a partir dessa perspectiva mais ampla e do seu sentimento amoroso, capacita e viabiliza o ser amado a materializar essas potencialidades, ao conscientizá-lo do que “pode ser e do que deveria *vir a ser*” (FRANKL, 2014, p. 136, grifos nossos).

## 7. DOAR, APRENDER E ARRISCAR

O acolhimento das necessidades e dos desejos da pessoa amada, o reconhecimento do seu valor e dignidade e o incentivo ao seu desenvolvimento pessoal, inclusive de suas potencialidades, retratam movimentos por meio dos quais cada parceiro(a), para que se realize por meio daquela relação afetivo-sexual, aprende tanto a doar quanto a receber, em um exercício diário que vai acompanhar as próprias transformações por que passará a dinâmica da relação *interpessoal* do casal e a dinâmica da relação *intrapessoal* de cada parceiro(a).

Todavia, haverá circunstâncias em que o outro não estará em condições de compreender, refletir sobre e acolher, com abertura e no tempo esperado, o que de positivo o(a) parceiro(a) pode lhe propiciar, sob o ângulo do despertar de potencialidades pouco exploradas ou desconhecidas por si próprio.

O ato de doar nem sempre é retribuído com o ato de receber e nem sempre o ato de receber se completa na janela temporal que se consideraria razoável ou ideal. Anos podem se passar para que se perceba, com clareza, o que o(a) parceiro(a) ou ex-parceiro(a) quis dizer ao fazer determinada pontuação e se constate a possível lucidez da ponderação à época realizada. Também é possível que essa compreensão nunca seja alcançada pelo destinatário desses atos de afeto e que os potenciais entrevistados jamais se materializem.

Conquanto o fomentar do desenvolvimento das potencialidades do outro possa constituir uma manifestação de amor genuíno, inclusive em um relacionamento afetivo-sexual, o entusiasmo inicial de quem assim procede pode gerar em si mesmo expectativas fantasiosas ou exageradas e, mais adiante, defrontar-se com a posterior frustração, em virtude de aquelas potencialidades detectadas no outro não terem sido concretizadas em conformidade com o idealizado por quem incentivou o seu florescimento ou até haver se equivocado quanto à existência de tais potenciais.

No entanto, à luz do pensamento de May, deve-se cultivar a compaixão ante as limitações com que cada um se depara na tentativa de dar concretude às suas próprias potencialidades.

May vê o sentimento de *compaixão* como reflexo “do nosso conhecimento mútuo” e da “nossa compreensão mútua”, que “nos faz perceber que todos os homens e mulheres são irmãos e irmãs, mesmo que seja necessário disciplinarmos os nossos próprios instintos para começarmos a concretizar essa crença em nossas ações”, e salienta:

[...] a compaixão é igualmente sentida por outrem porque *ele* não realiza as suas potencialidades – em outras palavras, ele é humano, como você ou eu, empenhado sempre na luta entre a realização e a não realização.”<sup>5</sup> (MAY, 1986, p. 204, grifo original)

Em certa medida, aproxima-se, na doutrina espírita, de Hammed, o qual vislumbra o exercício da compaixão como o cultivo de uma compreensão mais ampla das fragilidades do ser humano, à medida que “nos tornamos mais realistas, menos exigentes e mais flexíveis com as dificuldades alheias” (HAMMED, 2018, p. 113).

De toda sorte, na perspectiva de May, o binômio *doar* e *receber* são facetas imprescindíveis para a plena gratificação não apenas na troca sexual como também nos demais cenários da convivência entre o casal. De um lado, a disponibilidade de doar, em atenção às necessidades e aos desejos do outro. De outro, o reconhecimento do que se recebe e a humildade de ser grato pelo que se recebe, incorporando-se o doado à bagagem existencial de si próprio, enriquecendo-se a própria existência.

Doar e receber, em comunhão sexual e em outras facetas da vida do casal, são movimentos que não devem se atrelar a fórmulas prontas e acabadas: sem se prender a técnicas, sem o automatismo de pressupor que, na intimidade do casal, o que funciona bem na atualidade será a bússola do que dará certo amanhã.

A autorrealização, no campo do amor sexual, relaciona-se com “sentir a nossa capacidade de proporcionar prazer à outra pessoa e assim alcançar uma expansão no senso do relacionamento”, isto é, “ser capaz de dar ao companheiro no ato amoroso é essencial ao próprio prazer total no ato” e, por outro lado, é igualmente preciso frutificar

<sup>5</sup> Citação adaptada à Reforma Ortográfica do português brasileiro ocorrida em 2009.

em si “o talento de receber”, com uma postura ativa, de quem torna “seu o que recebe”, ou seja, “sabe-se que se está recebendo, sente-se, absorve-se esse conhecimento na própria existência, reconheça-o verbalmente ou não, e se é grato por isso” (MAY, 1992, p. 349-350).

Percebe-se, então, que o sexo é uma vigorosa caixa de ressonância do amor, e não o contrário. Em “A Arte de Amar” (*The Art of Loving*, de 1956), explica Fromm: “O amor não é resultado da satisfação sexual adequada, mas a *felicidade sexual* – inclusive o conhecimento da chamada técnica sexual – é que é o *resultado do amor*.” (FROMM, 2015, p. 110, grifos nossos)

A literatura brasileira de temáticas espirituais oferece aportes preciosos sobre essa questão:

Na Ciência do Ioga, José Hermógenes de Andrade Filho vê o sexo na qualidade de “fenômeno holístico” que encerra “vários patamares ou níveis de ser” e considera o “amor conjugal verdadeiro e santo” como aquele que “começa pela união em espírito e *termina* no nível genital”, tendo por castidade, em tal contextura, o ato de “amar intensamente, *a partir* do plano espiritual”, de modo que a prática do ato sexual seja “apenas uma parte do amor divinizado e divinizante” (ANDRADE FILHO, 2015, p. 239, grifos nossos).

Na doutrina espírita, complementa tal reflexão de Andrade Filho o esclarecimento atribuído ao espírito André Luiz, na atrás citada psicografia, ditada aos médiuns mineiros Francisco Cândido Xavier e Waldo Vieira, a frisar que “o sexo *reside* na mente, a expressar-se no corpo espiritual, e *consequentemente* no corpo físico” (ANDRÉ LUIZ, 2015, p. 149, grifos nossos).

Também é digno de nota o ensinamento atribuído aos espíritos Ermance de La Jonchére Dufaux e Cícero dos Santos da Silva Pereira, em psicografia ditada ao médium mineiro Wanderley Soares de Oliveira, segundo a qual o “estado da mente casta”, em tal panorama, “*não* significa abstinência, mas *pureza* nos terrenos dos sentimentos”, à medida que a afetividade se reorienta em prol do desenvolvimento dos “sentimentos *nobres*” (DUFAUX; PEREIRA, 2007, p. 81, grifos nossos).

## 8. O AMOR: UMA CONSTANTE EM MEIO À INCONSTÂNCIA DE SER NO MUNDO

Para que o relacionamento afetivo-sexual seja duradouro ou perene, a presença do sentimento de amor necessita ser uma constante em meio à inconstância, que é uma marca da interação com os mundos pelos quais o ser humano transita e que o atravessam, na medida em que o seu percurso existencial concerne a um padrão dinâmico no qual, desde quando o indivíduo possui consciência de si mesmo, encontra-se “em processo de planejar e projetar” (MAY, 1988, p. 137).

Seguindo-se essa linha de raciocínio, sem amor a vivência plena da sexualidade, sob o prisma da autorrealização, não se firma nem se sustenta.

Ao ver a autorrealização na vivência sexual como um desdobramento da autorrealização na vivência amorosa (e não o contrário), Fromm ilustra seu raciocínio, ao afirmar que a raiz da frigidez feminina e de circunstâncias mais ou menos graves de impotência psíquica masculina radica, não no desconhecimento de técnicas sexuais apropriadas, e sim em inibições que, por ecoarem medo ou ódio endereçados ao outro sexo (dir-se-á hoje, a outro gênero), obstam o ato de amar e impedem a plena entrega ao parceiro ou à parceira, com espontaneidade e confiança, em uma contextura em que a proximidade física, sendo inerente ao intercâmbio sexual, possui índole imediata e direta (FROMM, 2015, p. 110-111).

Dessarte, em relacionamentos de transcendência de longa duração, o amor entre o casal se converte em um fator de estabilidade em um contexto de permanente dinamismo, em face das frequentes mudanças na relação de cada parceiro com o *Umwelt*, o *Mitwelt* e o *Eigenwelt*.

O *Umwelt* concerne ao “mundo ao redor”, em que se é lançado ao nascer como homo natura. Cuida-se do universo da finitude, da história natural, dos fatos passados e do tempo de cariz cronológico ou quantitativo (MAY, 1977, p. 80-99, tradução livre nossa; MAY, 1988, p. 139-145; MAY, 2009, p. 124).

Trata-se do ambiente do entorno, em que se situa o mundo da matéria, dos ciclos naturais, onde residem os objetos, os seres e a natureza, no qual vêm à tona as pulsões, bem assim as atividades, os impulsos e os instintos de ordem biológica, além das forças,

destinações, contingências, adaptações, ajustes e determinismos impostos aos seres humanos pelas leis naturais e das pressões automáticas oriundas do passado (MAY, 1977, p. 80-99; MAY, 1988, p. 139-145; MAY, 2009, p. 124).

Já o *Mitwelt*, ao contrário do que pode parecer à primeira vista, não diz respeito ao ajuste nem à adaptação aos determinismos sociais, ou seja, não se refere à influência do agrupamento humano sobre a pessoa tampouco à modelagem da conduta do indivíduo pela coletividade. Relaciona-se, isto sim, à atitude que cada um adota na coexistência com os demais (MAY, 1977, p. 88).

O *Mitwelt* constitui o “comundo”, da horizontalidade, em que as pessoas se apresentam na condição de semelhantes. Consiste no “mundo dos interrelacionamentos entre os seres humanos”. É a zona em que se tecem as relações interpessoais, os laços de amor e de amizade. Consubstancia a esfera do (com)partilhar, a ambiência em que vem à baila a “responsabilidade para com o semelhante” (MAY, 1977, p. 80-99, tradução livre nossa; MAY, 1988, p. 139-145; MAY, 2009, p. 124).

No *Mitwelt* o tempo cronológico e quantitativo cede passo ao tempo psicológico e qualitativo. Por exemplo, “não podemos medir o caráter nem a intensidade do amor de uma pessoa pelo número de anos desde que conheceu a sua amada” (MAY, 1977, p. 94, tradução livre nossa).

Por sua vez, o *Eigenwelt* exprime o mundo do autorrelacionamento, o universo intrapessoal que não pode ser reduzido ao mero ato de assimilar a cultura humana, ou seja, expressa “o mundo do relacionamento consigo próprio”, da “autoconsciência (ou percepção de si mesmo)”, do autoconhecimento, da autolucidez, das percepções de si mesmo (inclusive das intuições, imediatas e instantâneas), no qual “deve ser consciente da própria identidade em meio às vastas forças naturais e sociais operando um destino sobre ele” (MAY, 1977, p. 80-99; MAY, 1988, p. 139-145; MAY, 2009, p. 124).<sup>6</sup>

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Constata-se o entendimento de May de que o amor sexual amadurecido propicia, no intercuro sexual, o êxtase amoroso, como ápice da criatividade humana e da união entre duas pessoas, em que as identidades de ambos se fundem e, após, cada identidade é fortalecida pelo efeito dessa fusão momentânea e se produz um efeito transformador e revitalizante nos parceiros, sob a óptica do desenvolvimento pessoal, por intermédio do exercício constante da doação e da entrega, do erotismo matizado com a empatia e a compaixão.

Nota-se também que May se posicionou de modo crítico em relação à mentalidade e à tendência comportamental que percebeu vigorosa nos Estados Unidos do século XX, de separar a vivência amorosa da experiência sexual, de distanciar a prática sexual da vida íntima e separar as esferas da sexualidade e dos valores pessoais e morais.

As críticas de May ao sexo casual, impessoal e dessensibilizado, em que a vivência dos sentimentos e das sensibilidades íntimas cede passo à apologia das sensações, ao olhar em direção a outrem como mais um objeto sexual entre tantos outros e ao anseio de não se comprometer nem se frustrar, representa um significativo desafio para parcela expressiva da humanidade da primeira metade do século XXI, aclimatada com a perspectiva, própria da sociedade consumerista, que valoriza o imediatismo, transforma seres humanos em bens de consumo descartáveis e, no bojo desse *frenesi* de desviar a atenção do vazio interior e de fuga do encontro consigo mesmo e com o outro, difunde a concepção de que seria legítimo instrumentalizar outra pessoa (seja o amigo ou a amiga, seja o conhecido ou a conhecida, seja determinado profissional do sexo, seja um ou uma amante ou companheiro(a) ocasional ou perene), a fim de saciar desejos sexuais, bombardeados com a mentalidade de que, nos dias atuais, em que se priorizam a autonomia e a independência de cada um, não mais faria sentido dedicarem-se anos ou décadas a uma relação interpessoal de longo prazo, ante a possibilidade de que se adote o expediente à primeira vista mais prático e indolor da opção por relações sexuais e afetivas breves, momentâneas ou até mesmo instantâneas, com variedade de

<sup>6</sup> Citações adaptadas à Reforma Ortográfica do português brasileiro ocorrida em 2009.

parceiros(as), imbuídos de abordagens, estilos e contextos plurais, em relacionamentos sucessivos ou paralelos transitórios, como se os seres humanos fossem despersonalizados e passassem a integrar um exército de máquinas prestadoras de serviços sexuais para os mais distintos gostos e estados de espírito, cujo contrato tácito e temporário, em sistema de rodízio ou revezamento, traria o alívio geral de dispensar a formação de vínculos íntimos e, desse modo, pouparia os tomadores do serviço de frustrações, angústias, tristezas e decepções, eximindo-os de sentir, mas também os obstando de transcender a si mesmos.

Diante desse cenário humano, psicológico, social e axiológico, estudar May significa (re)considerar a hipótese de que o amor sexual amadurecido não seja uma mera quimera romântica, fruto de idealizações ingênuas, mas um potencial humano tangível, passível de ser vivenciado de modo perene, por meio de projeto existencial comum e em um (re)aprendizado contínuo de doar e receber, de assumir o risco sempre presente da frustração, da rejeição, do não acolhimento e da incompreensão, no compartilhar cotidiano da intimidade, em uma mobilização diária do casal, em prol da autorrealização e da autotranscendência de ambos, no diálogo permanente entre as necessidades e os desejos do(a) parceiro(a), pensando o relacionamento afetivo-sexual como a vivência mais intensa da criatividade e da coexistência humana, da elevação do ser para além da concretude, da transformação de si mesmo, da expansão da própria consciência e da interconexão com o outro e com a natureza.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE FILHO, J. H. **Yoga para nervosos**: aprenda a administrar seu estresse. 50. ed. Revisão técnica e apresentação de Luís Mário Duarte. Rio de Janeiro: BestSeller, 2015. 501 p. (Coleção Essenciais BestSeller)

ANDRÉ LUIZ (espírito). **Evolução em dois mundos**: psicografia de Francisco Cândido Xavier e Waldo Vieira. 27. ed. Brasília, DF: FEB, 2015. 246 p. (Coleção A vida no mundo espiritual, v. 10)

ÂNGELIS, J. de (espírito). **Amor, imbatível amor**: psicografia de Divaldo Pereira Franco. 17. ed. Salvador: LEAL, 2014a. 248 p. (Série Psicológica Joanna de Ângelis, v. 9)

ÂNGELIS, J. de (espírito). **Conflitos existenciais**: psicografia de Divaldo Pereira Franco. 6. ed. Salvador: LEAL, 2014b. 240 p. (Série Psicológica Joanna de Ângelis, v. 13)

ÂNGELIS, J. de (espírito). **Garimpo de amor**: psicografia de Divaldo Pereira Franco. 6. ed. Salvador: LEAL, 2015. 200 p.

ÂNGELIS, J. de (espírito): **O despertar do espírito**: psicografia de Divaldo Pereira Franco. 9. ed. Salvador: LEAL, 2014c. 212 p. (Série Psicológica Joanna de Ângelis, v. 10)

ÂNGELIS, J. de (espírito). **Triunfo pessoal**: psicografia de Divaldo Pereira Franco. 9. ed. Salvador: LEAL, 2018. 192 p. (Série Psicológica Joanna de Ângelis, v. 12)

BUGENTAL, J. F. T. Rollo May: Personal Reflections and Appreciation. In: SCHNEIDER, K. J.; MAY, R. **The Psychology of Existence**: An Integrative, Clinical Perspective. New York: McGraw-Hill, 1995. Part One, Chap. 3, p. 102-105. 416 p.

DEURZEN, E. v. **Existential Counselling & Psychotherapy in Practice**. 3rd. ed. London: SAGE, 2012. 250 p.

DEURZEN, E. v.; ADAMS, M. **Skills in Existential Counselling & Psychotherapy**. 2nd. ed. London: SAGE, 2016. 234 p. (Skills in Counselling & Psychotherapy)

DUFAUX, E. de L. J.; PEREIRA, Cícero dos S. da S. (espíritos). **Unidos pelo amor**: ética e cidadania à luz dos fundamentos espíritas: psicografia de Wanderley Soares de Oliveira. 9. ed. Belo Horizonte: Dufaux, 2007. 207 p. (Série Atitudes de Amor)

FEIJOO, A. M. L. C. de; MATTAR, C. M. Encontros e desencontros nas perspectivas existenciais em Psicologia. **Psicologia em**

**Revista**, Belo Horizonte, v. 22, n. 2, p. 258-274, ago. 2016. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/per/v22n2/v22n2a02.pdf>>. Acesso em: 29 mai. 2019.

FRANKL, V. E. Conceitos fundamentais de logoterapia. Tradução de Walter O. Schlupp. In: FRANKL, V. E. **Em busca de sentido: um psicológico no campo de concentração**. 35. ed. São Leopoldo, RS: Sinodal; Petrópolis, RJ: Vozes, 2014. Parte II, p. 121-157. 184 p.

FROMM, E. **A arte de amar**. Tradução de Eduardo Brandão. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2015. 165 p. (Selo Martins)

HAMMED (espírito). **Os prazeres da alma: uma reflexão sobre os potenciais humanos: psicografia de Francisco do Espírito Santo Neto**. Catanduva, SP: Boa Nova, 2018. 216 p.

HOFFMAN, L.; Serlin, I. A.; SHAWN, R. The History of Existential – Humanistic and Existential – Integrative Therapy. In: DEURZEN, E. v.; CRAIG, E.; LÄNGLE, A.; SCHNEIDER, K. J.; TANTAM, D., DU PLOCK, S. **The Wiley World Handbook of Existential Therapy**. Hoboken: Wiley-Blackwell, 2019. Chap. 13, p. 235-246. 656 p.

MAY, R. **A arte do aconselhamento psicológico**. Tradução de Waine Tobelen dos Santos e Hipólito Martendal. Tradução da edição revista por Reinaldo Endlich Orth. 19. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013. 198 p.

MAY, R. **A coragem de criar**. 8. ed. Tradução de Aulyde Soares Rodrigues. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982. 143 p.

MAY, R. **A descoberta do ser: estudos sobre a psicologia existencial**. Tradução de Claudio G. Somogyi. Rio de Janeiro: Rocco, 1988. 199 p.

MAY, R. **A procura do mito**. Tradução de Anna Maria Dalle Luche. São Paulo: Manole, 1992. 292 p.

MAY, R. **A psicologia e o dilema humano**. Tradução de Carlos Alberto Silveira Netto Soares. 12. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009. 287 p.

MAY, R. A psychologist looks at mental health in today's world. **Pastoral Psychology**, v. 7, n. 4, p. 8-16, May 1956. Disponível em: <<https://link.springer.com/journal/volumesAndIssues/11089>>. Acesso em: 14 jun. 2019.

MAY, R. **Amor e vontade: eros e repressão**. Tradução de Aurea Britto Weissenberg. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1992. 361 p.

MAY, R. Answers to Ken Wilber and John Rowan. **Journal of Humanistic Psychology**, v. 29, n. 2, p. 244-248, Spring 1989. Disponível em: <<https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/0022167889292007>>. Acesso em: 31 mai. 2019.

MAY, R. Contribuciones de la psicoterapia existencial. In: May, R.; Angel, E.; Ellenberger, H. F. (Ed.). **Existencia: nueva dimensión en psiquiatría y psicología**. Versión Española de Cecilio Sánchez Gil. Madrid: Gredos, 1977. Cap. II, p. 58-122. 523 p.

MAY, R. **Liberdade e destino**. Tradução de Alfredo Barcellos. Rio de Janeiro: Rocco, 1987. 296 p.

MAY, R. **Minha busca da beleza**. Tradução de Francisco Pimentel Pinto. Petrópolis, RJ: Vozes, 1992. 238 p.

MAY, R. **O homem à procura de si mesmo**. Tradução de Aurea Britto Weissenberg. 36. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011. 253 p.

MAY, R. O surgimento da Psicologia Existencial. In: May, R. (Org.). **Psicologia Existencial**. Tradução de Ernani Pereira Xavier. 2. ed. Porto Alegre: Globo, 1976. Cap. I, p. 1-56.

MAY, R. **Poder e inocência: uma análise das fontes de violência**. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986. 211 p.

MAY, R. The Problem of Evil: An Open Letter to Carl Rogers. **Journal of Humanistic Psychology**, v. 22, n. 3, p. 10-21, Summer 1982. Disponível em: <<https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/00>>

22167882223003>. Acesso em: 31 mai. 2019.

MAY, R. **The Springs of Creative Living: A Study of Human Nature and God.** New York; Nashville: Abingdon-Cokesbury, 1940. 271 p.

SCHNEIDER, K. J. Introduction: Existential-Integrative Psychology: A Beginning. In: SCHNEIDER, K. J.; MAY, R. **The Psychology of Existence: An Integrative, Clinical Perspective.** New York: McGraw-Hill, 1995. p. 1-8. 416 p.

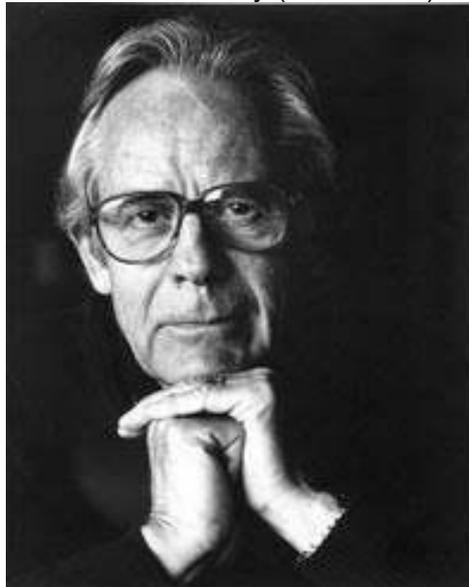
SCHNEIDER, K. J. Preface. In: SCHNEIDER, K. J.; MAY, R. **The Psychology of Existence: An Integrative, Clinical Perspective.** New York: McGraw-Hill, 1995. p. xvii-xix. 416 p.

SERLIN, I. *In memoriam: Remembering Rollo May: An interview with Irvin Yalom.* **The Humanistic Psychologist**, v. 22, n. 3, p. 268-274, 1994. Disponível em: <<https://psycnet.apa.org/PsycARTICLES/journal/hum/22/3>>. Acesso em: 29 mai. 2019.

SHAPIRO, J. L. **Pragmatic Existential Counseling and Psychotherapy: Intimacy, Intuition, and the Search for Meaning.** London: SAGE, 2016. 362 p.

TEIXEIRA, J. A. C. Introdução à psicoterapia existencial. **Análise Psicológica**, Lisboa, v. 24, n. 3, p. 289-309, jul. 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.mec.pt/pdf/aps/v24n3/v24n3a03.pdf>> Acesso em: 29 mai. 2019.

Rollo Reece May (1909-1994)



<https://br.pinterest.com/pin/775393260825660082/?lp=true>